

**ANDANDO SOBRE CASCALHOS DE PALMITO: INFÂNCIA, MEMÓRIA E TRABALHO  
NA OBRA DE RITA SANCHES**

Danieli dos Santos PIMENTEL<sup>1</sup>

Recebido: 23/11/2025

Aprovado: 02/02/2026

**Resumo**

O artigo analisa a infância, a memória e as relações de trabalho no contexto de Breves-Marajó, especialmente, a partir da literatura infanto-juvenil de Rita Sanches, escritora brevesense e autora do livro *Andando sobre cascalhos de palmito* (2022). Pelo viés do discurso ficcional, o livro em questão apresenta temas como infância, memória e o mundo do trabalho no contexto marajoara, fixando-se entre os anos de 1960 e 1990 do século passado. Nesse contexto, é possível observar como esse universo é revelado pela voz de uma menina que viveu esse período e, ao mesmo tempo, como suas memórias da infância são narradas. No livro, a vida ribeirinha se entrelaça às atividades desenvolvidas no contexto das indústrias madeireiras e das fábricas de palmito da região. Toda essa visão é recuperada pela voz da criança presente na narrativa de Rita Sanches. Nesse contexto, a ficção se funde aos fios autobiográficos das memórias da escritora que nasceu, cresceu e acompanhou os ciclos da economia marajoara. Assim, ao recuperar as memórias do pai que trabalhou com madeira, a protagonista relembra como eram as relações de trabalho no contexto dessas indústrias, a relação das crianças com as brincadeiras, em que infância, memória e trabalho se cruzam como elementos centrais do livro.

**Palavras-chave:** Infância, Memória, Trabalho, Ficção.

**WALKING ON PALM HEART GRAVEL: CHILDHOOD, MEMORY AND WORK IN  
THE WORK OF RITA SANCHES**

**Abstract**

This article examines childhood, memory, and labor relations in the context of Breves-Marajó, especially based on the children's and young adult literature of Rita Sanches, a writer from Breves and author of the book *Walking* (2022). Through the lens of fictional discourse, the book in question presents themes such as childhood, memory, and the world of work in the context of Marajó, set between the 1960s and 1990s of the last century. In this context, it is possible to observe how this universe is revealed through the voice of a girl who lived through this period and, at the same time, how her childhood memories are narrated. In the book, riverside life is intertwined with the activities developed in the context of the region's timber industries and palm heart factories. This entire vision is recovered through the voice of the child present in Rita Sanches' narrative. In this context, fiction merges with the autobiographical threads of the memories of the writer who was born, grew up, and followed the cycles of the Marajó economy. Thus, when recovering the memories of her father who worked with wood and later with palm hearts, the protagonist recalls what work relationships were like in the context of these industries, the relationship between children and games, in which childhood, memory and work intersect as central elements of the book.

<sup>1</sup> Pós-doutorado em Educação Universidade do Estado do Pará (UEPA); Doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). É Professora adjunta da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó-Breves. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1123785851133998>. Orcid: <https://Orcid.0000-0002-9866-2517>. E-mail: [danielipimentel2013@gmail.com](mailto:danielipimentel2013@gmail.com).

PIMENTEL, Danieli dos Santos. Andando sobre cascalhos de palmito: infância, memória e trabalho na obra de Rita Sanches. In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

**Keywords:** Childhood, Memory, Work, Fiction.

## **Introdução**

*Dedico este artigo aos meus dois filhos, Elias e Hannah, os amores de minha vida.*

A história da literatura, de acordo com Souza (2014), corresponde a um dos principais eventos do século XX, assim como a história que, nesse período, buscava se firmar no campo científico. Considerada uma das disciplinas mais recentes do contexto acadêmico, seu eixo central corresponde a reunião de “material erudito”. Interessada, sobretudo, pela “integralidade narrativa”; “reconstrução dos eventos históricos no âmbito de sua dinâmica específica”; “explicação” de eventos de acordo com um determinado período. Em outras palavras, a história literária explora os “produtos escritos no vernáculo” de cada nação.

A primeira revitalização da história literária foi sentida a partir dos anos de 1920 com o advento do formalismo eslavo; a segunda reforma aconteceria por volta dos anos de 1960, ano em a Estética da Recepção (*Rezeption-sästhetik*) marcou presença na Alemanha, a partir das pesquisa de Hans Robert Jauss no ano de 1967, Universidade de Constança, por ocasião da aula intitulada: *A História da Literatura como provocação à Ciência da Literatura (Literaturgeschichte als Provokation der Literaturwissenschaft)*.

Outro fator que poderia ser apontado como responsável pela reabilitação da chamada nova história literária corresponde a chegada do *novo historicismo* proveniente dos Estados Unidos nos anos de 1980. Dito isso, o lugar estável que até então ocupavam os antigos cânones literários começam a ceder seus lugares para as novas abordagens, para a construção de novos “cânones alternativos”, assim adverte (Souza, 2014, p. 68).

Essas transformações já começaram a ser sentidas em diversos cursos universitários do mundo, pois, as pesquisas literárias estão cada vez mais convencidas da necessidade de intercambiar com outras produções da cultura e diferentes instâncias da sociedade. Nessa perspectiva, vale ressaltar o caráter interdisciplinar, multidisciplinar, pluridisciplinar ou transdisciplinar, seja qual a faceta que os estudos literários queiram e pretendam alcançar. Por essa via, por esse novo patamar é que os estudos literários vêm conquistando um novo espaço, na tentativa de abarcar diferentes produções da cultura, assim como diferentes gêneros literários.

Assim, quando pensamos nas diversas faces assumidas pela história da literatura, os exemplos são dos mais variados e específicos: antologias, edições eruditas de obras (algumas muito antigas e

PIMENTEL, Danieli dos Santos. Andando sobre cascalhos de palmito: infância, memória e trabalho na obra de Rita Sanches. In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

fora de circulação), outras, mais recentes como, por exemplo, as propostas de cunho historiográfico centradas em autores específicos, dentro desse contexto, situam-se os trabalhos biográficos, além dos ensaios meta-historiográficos, ensaios sobre obras e autores específicos, a literatura infanto-juvenil, dentre outros gêneros.

Dentro dessa linha, inscrevem-se as notícias crítico-bibliográficas de diferentes autores; vastas pesquisas documentais com o interesse voltado para a “vida literária”, além daquelas que se ocupam das “práticas de leitura, circulação de manuscritos, livros e impressos em geral; textos censurados”, alguns resgatados pela crítica. Não obstante, os “processos de composição e uso social de acervos bibliográficos”, e, por fim, trabalhos com o interesse na relação entre oralidade e cultura letrada, como bem afirma (Souza, 2014, p. 12-13).

Nesse contexto, faz-se necessário problematizar a questão da história da literatura infanto-juvenil paraense. Embora a literatura de expressão amazônica venha se desenvolvendo a partir de trabalhos acadêmicos que compreendem artigos, dissertações, teses, dentre outras formas de pesquisa, há certa lacuna no que diz respeito às pesquisas sobre o gênero literatura infanto-juvenil, seus autores e obras, embora tenhamos uma leva de publicações que podem ser adquiridas em livrarias de Belém-PA.

Nesse contexto, alguns autores e autoras se destacam por conta de suas trajetórias, a partir de publicações artesanais, em forma de cordel, ou publicados por meio de editoras. Dentre eles, cito: Eneida de Moraes, Haroldo Maranhão, Heliana Barriga, Antonio Juraci Siqueira, Walcyr Monteiro, Telma Cunha, Paulo Nunes e Daniel da Rocha Leite. Este último, venceu o Prêmio Nely Novaes Coelho, categoria infanto-juvenil (2022). Embora tenha nascido no Rio de Janeiro, sua produção se inspira em grande parte no contexto amazônico.

Essa produção do gênero infanto-juvenil vem se diversificando e ganhando espaço em saraus, feiras do livro em Belém e noutros municípios, assim como no Arquipélago do Marajó. Seus autores e autoras participam ativamente do cenário literário paraense e de atividades em escolas públicas de alguns municípios paraenses. Chama atenção nesses livros a variedade de temas, além do trabalho de artistas visuais que ilustram essas produções. Podemos afirmar que, mesmo em face dessas informações, faltam pesquisas de cunho bibliográfico que façam um registro abrangente desses títulos e da trajetória de seus autores e autoras; assim como falta uma história literária da própria literatura infanto-juvenil no contexto paraense.

Se faltam registros mais específicos sobre a historiografia da literatura infanto-juvenil paraense, no que diz respeito à produção literária desse gênero, no contexto do arquipélago do Marajó, especificamente no município de Breves, essa produção é bem recente do ponto de vista de publicações formais em livros. A partir do surgimento e fundação da Academia Brevense de Letras (ABL), oficialmente fundada no dia 03 de julho de 2021<sup>2</sup>, tanto as produções, quanto os autores e autoras do município, passaram a ter maior visibilidade, entre os autores destacam-se: Afonso Cruz, Andrei Odilon, Fabrício Nunes, Dione Leão, Íria Chocron, Jurema Viegas, Leandro Machado, Maria Neco Pereira Balieiro, Marco Maranhão, Marcelino Rodrigues, Marluce Moraes, Renan Medeiros, Rita Sanches, Robert Lisboa, Ubiraci Conceição, Vanderlei Castro, Waldir Borges, dentre outros. A literatura de Rita Sanches se debruça em temas como a infância no Marajó-Breves, desdobra-se ainda em eixos como a memória social e relatos a partir de variadas fontes históricas que se cruzam e se desdobram em relatos memorialísticos, o cotidiano das relações de trabalho, em paralelo ao imaginário de crianças reais e fictícias que viviam no contexto das últimas décadas do século XX. Sobre essas questões, a literatura infanto-juvenil da escritora em questão será o objeto do estudo presente no artigo, convido o leitor a conhecer a biografia da autora.

### **Rita Sanches: escritora marajoara**

A escritora Rita de Cássia dos Santos Sanches nasceu em 28 de setembro de 1969; é natural da Ilha do Marajó, cidade de Breves-Pará, onde reside até o momento. Filha de Raimundo Pereira Sanches (seu Ramos) e Maria Trindade dos Santos Sanches, é a terceira filha de onze irmãos, formou-se em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Pará (UFPA), no ano de 1999. Além disso, foi uma das fundadoras da Academia Brevense de Letras (ABL), onde ocupa a cadeira de número 8. Idealizadora e criadora do Ponto do escritor, espaço cultural que abriga importante acervo de escritores da região. Atualmente, trabalha como bibliotecária na Biblioteca Municipal Pública Eustorgio Miranda de Breves-Marajó<sup>3</sup>.

Rita Sanches, como prefere ser chamada, é autora de livros sobre o contexto marajoara, tais como: *Conhecendo a terra dos Breves* (2019) (impresso, CEDEP); *Mundiada, uma lenda de boto* em versão *e-book*; e outra publicação em tiragem impressa pela SEMED (2025); publicou em formato de *e-book*, pelo site da Amazon, *Mãe da mata malina*, livro que aborda o mito da Mãe da mata,

<sup>2</sup> Conferir o texto de apresentação da *I Antologia da Academia Brevense de Letras: Breves histórias*. 1ª Edição.

<sup>3</sup> Essas informações sobre a escritora estão disponíveis no livro *Narrativas dessas bandas de cá* (2023).

PIMENTEL, Danieli dos Santos. Andando sobre cascalhos de palmito: infância, memória e trabalho na obra de Rita Sanches. In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

entidade e guardiã das matas, cuja função é proteger a natureza. Em seguida, lançou *Andando sobre cascalhos de palmito* (2022) em livro impresso, e, finalmente, *Inventariando a Capital das Ilhas – Breves*. É integrante do livro coletânea *Narrativas dessas bandas de cá* (2023), onde publicou novamente o *Mundiada, uma lenda de boto*. A escritora se destaca no meio literário e cultural de sua região, contribuindo significativamente para a história da literatura e cultura produzida no contexto brevense.

Imagem 1: Capa do livro de Rita Sanches (2022)



Fonte: Acervo pessoal

O livro *Andando sobre cascalhos de palmito* (Imagem 1), da referida autora, alinha-se ao gênero infanto-juvenil; foi publicado pela editora Veloso e conta com ilustrações de José Tadeu Ferreira de Araújo. Seu texto é dedicado aos homens e mulheres que trabalharam nas serrarias e fábricas de palmito do município de Breves, entre as décadas de 1960 a 1990. Essas questões conferem ao texto um viés político e ideológico, ao trazer para a cena literária as relações de trabalho dentro do contexto socioeconômico da região. Além disso, o discurso ficcional se funde com a história social do município de Breves, ao reunir fontes documentais históricas (relatos orais, fotos, documentos de acervo familiar e de pesquisadores, entrevistas, entre outras).

Esse universo lúdico e do trabalho é narrado pelas “lentes” de uma criança. Assim, as impressões do brincar se fundem ao imaginário histórico e social das crianças marajoaras de antigamente. Em síntese, as memórias individuais e as memórias herdadas dos tempos da infância se sobressaem na escrita memorialística de Sanches, incorporando, além disso, traços das “histórias de

vida coletiva”, de “uma democracia cultural”, se pensarmos em aspectos conceituais de Pineau e Le Grand (2012, p. 25):

Alguém pode ser tomado como testemunha privilegiada de um grupo social. Nessa perspectiva de memória coletiva, elaboram-se histórias de vida coletiva, algumas das quais são escritas por membros dessa coletividade [...] com o objetivo de se apropriar de um passado, de expor esse passado e dar uma visibilidade social [...] Trata-se aí de uma forma privilegiada de democracia cultural: dar a palavra a atores sociais que habilmente não a têm ou que são falados por outros.

Conforme os autores, a memória coletiva se associa ao fato da união em grupo, fator que é perceptível na união dos trabalhadores das antigas serrarias de Breves, na tentativa de “driblar” a dura realidade do trabalho e as condições extremas que eram submetidos. Essa permanência em grupo os manteve firmes por um longo tempo. Por essa lógica, a escrita de Rita Sanches demarca, por meio dos testemunhos de época, as “memórias de grupo”, “as memórias coletivas”.

Se pensarmos pela ótica de Halbwachs (1990), a memória coletiva difere da memória histórica, pois a memória coletiva assegura ao grupo e a sua permanência. Porém, essa memória coletiva depende da subsistência do grupo – o que, de certa maneira, acontece com os trabalhadores das indústrias - essas memórias plurais e sujeitas a manutenção do grupo. Ainda para o estudioso, é preciso se indagar se há uma “memória *no* grupo ou uma memória *do* grupo?”, pois o “mundo histórico é como um oceano no qual todas as histórias parciais deságuam” (Halbwachs, 1990, p, 72).

Dentre as poucas análises sobre o livro de Rita Sanches, o pesquisador Leonildo Nazareno Guedes toca na questão de “ser criança no arquipélago do Marajó”, bem como a “socialização infantil através de brincadeiras”, ao afirmar que a obra da autora

trata sobre a exploração da madeira e do palmito no maior arquipélago fluviomarítimo do mundo, o Majajó, e suas conexões com o mercado internacional; trata sobre a socialização entre os trabalhadores assalariados das fábricas e sobre a socialização entre os membros da família popular; por fim, constitui um “circuito da marmitta” de uma cidade ribeirinha que se tornou frenética pelas indústrias da madeira e do palmito. (Guedes, 2022, s/p).

O prefácio de Guedes (2022) chama atenção para o contexto da ludicidade das crianças marajoaras. Além desses processos de socialização que o estudioso aponta, o aspecto lúdico da escrita de Rita Sanches se faz presente nas brincadeiras que permeavam a vida das crianças na década de 1970. Nesse sentido, elas aconteciam ao ar livre, nos quintais ainda cheio de árvores frondosas, o que

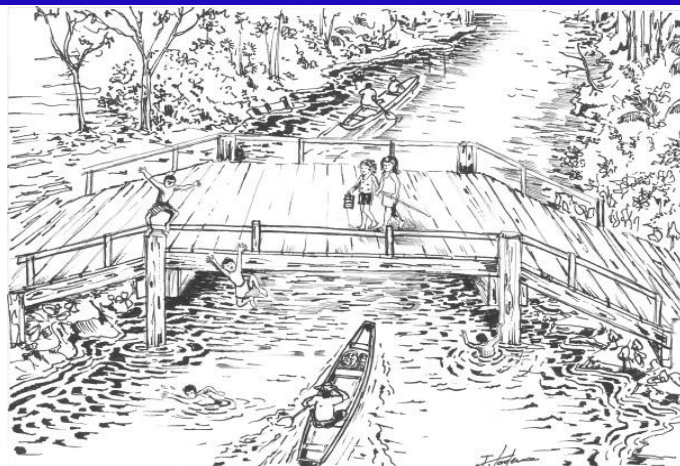
era um convite aos devaneios das crianças. Nesse espaço de recreação, surgiam as brincadeiras da época, dentre elas: afínca-afínca, macaca, pira-esconde, pira alta, brincadeiras de roda, jogo de bola e peteca.

Nesse contexto, as brincadeiras se alternavam com outras funções desempenhadas pelas crianças marajoaras, já que, muitas delas, participavam da rotina que compreendia as atividades domésticas; eram ainda encarregadas de transportar os alimentos dentro das marmitas até o trabalho dos pais. Entendemos, a partir dessa descrição, que o regime do trabalho nessa região do Marajó evidencia o modo tradicional das famílias: as mulheres faziam a comida dos maridos, enquanto estes, esperavam as refeições no local de trabalho, ou seja, nas cerrarias ou nas fábricas de palmito, como lemos na citação a seguir:

A contribuição da criança no universo de deveres/responsabilidades da família popular marajoara consistia em transportar a marmita com o almoço carinhosamente preparado na casa (localizada no bairro Centro da cidade) para a serraria (localizada às margens do rio Parauaú), onde o pai estava desempenhando suas atividades laborais para receber um salário ao final do mês. (Guedes, 2022, s/p).

Durante o trajeto dessas crianças, que saíam de casa com destino as fábricas, nesse intervalo, algumas brincadeiras aconteciam no caminho, nos quintais, outras brincadeiras ocorriam durante a coleta de frutos da região, em outros momentos, as meninas subiam em árvores. O brincar também se dava nas ruas, em cima das pontes e dos cascalhos de palmito. No contexto amazônico, o banho de rio se converte em uma das brincadeiras mais recorrentes, a água, como um dos elementos dialéticos e lúdicos, confere esse devaneio do livre brincar, fator que se configura como um traço da identidade cultural marajoara, uma vez que a água perfaz o imaginário das comunidades ribeirinhas do arquipélago do Marajó, e o rio comanda a própria vida de quem mora em cima dele ou nas suas proximidades (Imagem 2).

Imagem 2: Ilustração do livro de Rita Sanches



Fonte: Acervo pessoal

Nesse contexto, as brincadeiras das crianças e suas funções se fundem ao mundo dos adultos, e, em muitas passagens, o texto literário recupera a histórias das relações de trabalho no arquipélago do Marajó. Dentre as atividades dessa época, destacam-se, em um primeiro momento, a exploração da madeira. Esse período, de início, estava ligado à indústria da madeira no Marajó até seu declínio; em seguida, veio a exploração do palmito e as relações comerciais da ilha do Marajó com o mercado estrangeiro.

Contudo, antes da exploração madeireira e do palmito, nos fins do século XIX e início do século XX, o Marajó foi palco do ciclo da borracha e, após o seu declínio, a exploração da madeira foi cada vez mais crescente: “nesse cenário, Breves concentrava a sua força do comércio, do transporte e da indústria madeireira” (Guedes, 2022, s/p).

Na obra de Rita Sanches, o universo infantil é regido pelos adultos; por outro lado, as brincadeiras nas áreas livres como, por exemplo, nos quintais, criavam formas “secretas” e livres, distantes do cerceamento que os adultos exerciam nesse contexto. Neste sentido, sob a dependência dos adultos, a vida era regida pela rotina do trabalho cotidiano; portanto, a ludicidade é um contraponto diante do trabalho exercido pelas famílias.

### Na fábrica de palmitos

Os cascalhos de palmito eram da fábrica Palmeiras Industrial S/A – PALMAZON, localizada na Avenida Presidente Getúlio Vargas, segundo os dados de Rita Sanches. Nesta fábrica, trabalhavam homens e as mulheres trabalhavam na parte interna da fábrica: “As mulheres com lenços na cabeça PIMENTEL, Danieli dos Santos. Andando sobre cascalhos de palmito: infância, memória e trabalho na obra de Rita Sanches. In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

trabalhavam, freneticamente, em um ritmo acelerado, cada uma com tarefa bem definida” (Sanches, 2022, p. 46). A escritora lembra que nas fábricas de palmito, o trabalho era intenso, alternando os turnos. No livro (entre as páginas 48 e 50) encontram-se alguns relatos de antigos funcionários das fábricas de palmito, nessa parte, a fonte oral se faz presente.

Em alguns momentos, o livro intercala fotos do arquivo pessoal e da família da autora; depois, acrescenta imagens de outras fontes, como, por exemplo, as imagens capturadas do documentário sobre o município de Breves, onde aparecem cenas do cotidiano das serrarias, inclusive, imagens de alguns funcionários das serrarias. Além disso, pelo viés da infância e da memória, de lembranças individuais, a autora estreita a ainda mais a relação entre a ficção e a história social do seu município: “entre minhas recordações mais remotas, destacam-se a figura de meu pai e de minha mãe” (Sanches, 2022, p. 18).

Nesse período, a principal fonte de economia de Breves se deve às madeireiras dos rios: Eidai do Brasil, Robco Madeira, Lawton Madeira da Amazônia, Madenorte Madeira S/A, Superfina Madeira S/A, Maginco Compensados S/A, Breves Industrial S/A (BISA), Nascimento & Cia, Casa da Madeira S/A Ind. Com. Eng., ABC – Tropical Madeiras S/A. A jornada de trabalho exaustiva dentro das serrarias, em que

Os operários trabalhavam 12 horas por dia ou até mais (direto), a empresa tinha que cumprir a meta do mês. Para entregar a encomenda a tempo, os operários tinham que virar jornada [...] O cotidiano dos trabalhadores era “puxado”, bem difícil. A vida ia dura (Sanches, 2022, p. 38).

Na citação, fica evidente a exploração humana nessas madeireiras, já que o regime de trabalho era intenso, além das péssimas condições que os trabalhadores eram colocados, pois estes sofriam com a falta do pagamento de um salário digno e condizente com as funções desempenhadas, como é possível ler na citação:

Naquela época, os funcionários trabalhavam sem nenhum equipamento de proteção, sem uniformes, jornada exaustiva, sujeitando a condições degradantes de trabalho e colocando em risco a saúde e a própria vida, um salário insuficiente para as suas necessidades e de sua família...Essa parte não teve grandes mudanças. Papai sempre usava bermuda, camiseta, sandália e um boné para proteger do sol. Os outros pais, também iam assim. Várias vezes ouvi meu pai chegar em casa contando para a mamãe que, um colega tinha se acidentado. Teve um caso de um colega de trabalho que operando uma das máquinas sofreu um terrível acidente e morreu. Num final de tarde, ele chegou em casa muito triste e contou o ocorrido. Tínhamos tanto medo que essas coisas acontecessem com nosso pai. (Sanches, 2022, p. 37).

PIMENTEL, Danieli dos Santos. Andando sobre cascalhos de palmito: infância, memória e trabalho na obra de Rita Sanches. In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

Após o declínio dessas serrarias, quando muitas abriam falência, os prejuízos para os trabalhadores eram sem precedentes, pois ficavam sem o pagamento de seus salários, sem as indenizações devidas, sem seguro-desemprego. A denúncia da precarização do trabalho vai além da exploração, de um ciclo em que apenas as indústrias lucravam, enquanto seus funcionários, nem sempre conseguiam uma melhor condição material de vida.

A leitura do livro de Rita Sanches situa as últimas décadas do século XX, ou seja, como eram as relações de trabalho no interior das serrarias e das fábricas de palmito de Breves, por outro lado, em meio a denúncia social, as relações humanas se reinventam por meio dos processos de socialização, cooperação e diversas trocas como a partilha dos alimentos entre seus funcionários, alternativa para a garantia de uma boa alimentação: “Os trabalhadores acomodavam-se da melhor maneira que podiam, alimentando-se, compartilhando a comida”, lembra a autora.

Em alguns momentos, o livro destaca o “saudosismo” daqueles tempos, as lembranças das amizades e das relações que se estabeleceram e que transcenderam o ambiente de trabalho, por essa ótica, a memória desses operários é muita vez acionada em diversos excertos: “Hoje ficou o saudosismo na memória de pessoas que viveram nessa época” (Sanches, 2022, p. 34). Para lembrar dos versos de Duquita, que a escritora cita:

BISA, Breves querida  
Foste tu que deste vida  
Aqui para a nossa cidade  
Hoje, tu não mais existe  
Isso me deixa triste  
E com muita saudade [...]

As vivências cotidianas eram compartilhadas para além do ambiente formal de trabalho, estendiam-se até o contexto familiar, nos problemas que eram individuais e coletivos, nos dramas pessoais e coletivos, inclusive os perigos das atividades diárias, os acidentes de trabalho, a perda de algum trabalhador, socializações que se estendiam para além das serrarias e das fábricas, narrativas, metas, prazos, questões comuns a todos os trabalhadores.

Imagem 3: Ilustração do livro de Rita Sanches



Fonte: Acervo pessoal

Nesse ambiente, o capitalismo voraz deixava as suas marcas, e em meio a essa teia de relações se dá o chamado “circuito da marmita”, que ia desde o ambiente familiar, com o preparo da comida e chegava até o local de trabalho, esse “circuito” era uma função desenvolvida pela crianças que se deslocavam por cima de pontes (Imagem 3), entre brincadeiras, travessuras, e perigos constantes, principalmente, o medo dos búfalos que viviam soltos nas matas próximas, o trabalho cotidiano imprimia essa necessidade, esse “circuito”, essa travessia (de ida e volta) de casa até o local de trabalho, assim a

marmita ficava e o trajeto de volta devia ser imediatamente percorrido pelas meninas, pois a mãe ansiosamente aguardava por elas em casa. No entanto, pequena mudança no trajeto leva as meninas para fábrica de palmitos Palmazon, a Palmeiras da Amazônia Industrial S/A, e o memorável encontro com os cascalhos de palmito. Enfim, a leitura da obra (...) nos permite simultaneamente andar/flutuar sobre nossas memórias, nossas saudades, nossos aprendizados como crianças e como adultos, nossas reflexões críticas sobre um aparente declínio econômico, e nossas esperanças de uma vida presente e futura alicerçada na sustentabilidade, a qual luta contra a falsa dicotomia natureza-cultura, como se ambas fossem irreconciliáveis, e defende sua possível integração em um arquipélago exuberante do ponto de vista natural e cultural como é o Marajó. (Guedes, 2022, s/p).

Assim sendo, a narrativa de Sanches que, em uma leitura aparente parece ser uma narrativa que vai apenas em direção ao universo lúdico das crianças que cruzavam esses espaços, ao transportar as marmitas, desempenhando complexas funções, sujeitas aos perigos e violências, em situação de vulnerabilidade. Nesse ponto, a escrita de Rita Sanches assume uma pauta política e de denúncia

social da situação das crianças, mulheres e homens marajoaras, a literatura de Sanches lidera essa veia política, histórica e lúcida de seu tempo, uma literatura “engajada” na causa das crianças, nos direitos e nos estatutos que lhes foram negados, a sutileza do livro expõe questões polêmicas, e até certo ponto, esquecidas pelo restante da sociedade e do poder político.

Outro fator importante é que na literatura da escritora brevense, por ser um livro sobre a infância no Marajó, não há qualquer menção a educação formal das crianças; contudo, embora o livro não tenha pretensão nenhuma em abordar o tema, surge então a pergunta: como era a educação dessas crianças marajoaras nesse período? O que perdura durante a leitura do livro é uma noção de que a infância dessas crianças estava sempre atrelada, quase sempre, à vida dos adultos, quando, por exemplo, quando as crianças precisam levar, diariamente, as marmitas aos pais; nessa rotina, elas estavam sujeitas aos perigos, assim como deixavam à parte um pouco das brincadeiras usuais do cotidiano.

### “Um dia qualquer”

As primeiras páginas do livro de Rita Sanches descrevem “um dia qualquer” de verão do ano de 1978; a narradora recorda os tempos em que costumava sair de sua casa com destino ao local de trabalho do pai, Raimundo Sanches, funcionário da serraria que sempre esperava o almoço trazido pela filha. No entanto, quase sempre no mesmo horário, pouco antes do almoço, a brincadeira era interrompida. Para Brougère (2010, p. 82), nesse embate entre o trabalho e o lazer: “a brincadeira é, antes de tudo, uma confrontação com a cultura. Na brincadeira, a criança se relaciona com conteúdos culturais que ela reproduz e transforma, dos quais ela se apropria e lhes dá uma significação”.

Por isso, como mostra a narrativa de Rita Sanches, era penoso suspender as brincadeiras de “pira-alta, pular macaca, pira-esconde, afinca-afinca, brincadeiras de roda...Tra-la-la-la-lá, bola, pira-cola, jogo de petecas e outras. Ah! E ainda tinha...Ti-tu-ri-treteti-que-taque-camarola-trinta e um-trim-fora” (Sanches, 2022, p. 20). Nesse trecho, a narradora destaca os tipos de brincadeiras infantis mais comuns do contexto marajoara, ou seja, as brincadeiras mais recorrentes naquele contexto.

Sobre a importância do brincar no espaço da infância, Maluf (2012, p. 22) explica que “toda criança que participa de atividades lúdicas, adquire novos conhecimentos e desenvolve habilidades de forma natural e agradável, gerando um forte interesse em aprender e garantindo o prazer”. Além disso, a ludicidade infantil é um modo de confrontar a produção diária do trabalho e da cultura, como

PIMENTEL, Danieli dos Santos. Andando sobre cascalhos de palmito: infância, memória e trabalho na obra de Rita Sanches. In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

bem afirma Wajskop (2012, p. 37), “na brincadeira, as crianças podem pensar e experimentar situações novas ou mesmo do seu cotidiano, isentas das pressões situacionais”.

De modo crítico, Rita Sanches mostra que o mundo do trabalho vai permeando o imaginário infantil das crianças e as brincadeiras são deixadas de lado, pois, é hora de ir levar o almoço do pai, diz a mãe da menina: “Pegue a marmita e vá deixar para seu pai na serraria, e leve sua irmã para você não ir sozinha e tome cuidado para não gastar a comida” (Sanches, 2022, p. 20). Desse modo, o regime lúdico se entrelaça ao mundo *faber*, ao contexto produtivo dos adultos que “tiram” as crianças do brincar, e as deslocam para outro ambiente, o regime diurno do trabalho. A escritora demarca na obra o ano, a estação do ano e o horário, no ponto alto do dia, além do horário do almoço. Logo, a manhã, a suavidade matinal e o clima agradável do quintal são suspensos, assim, um novo regime se instala.

Em seguida a essa passagem, dentro do chamado “circuito da marmita”, a autora relembra o tipo de alimentação do pai (arroz, feijão, peixe, frango, carne, charque, farinha, nos dias de fartura; já nos dias de dificuldade, conserva, sardinha, ovo, bucho bovino etc.), fator que evidencia as dificuldades de manter uma alimentação farta. A mãe sempre alertava as duas meninas para que seguissem um trajeto mais seguro, e as advertia frente aos perigos: “ – Vão pelo varador que fica ao lado do salão Brasil’, “antiga sede dançante da cidade, mais conhecido como a sede do Icó. ‘ – E quando passarem pela Curica, corram, não fiquem de bobeira, lá é rua de mulher da vida”” (Sanches, 2022, p. 24).

A partir das recomendações, diversos espaços, alguns já inexistentes pela mudança da paisagem da cidade, são demarcados e, aos poucos, a personagem vai compreendendo a lógica e o significado do mundo dos adultos; por exemplo, em um trecho do livro, ela não compreende o significado do termo “mulher da vida”. Isso se dava porque, segundo a narradora, os adultos costumavam conversar diversos assuntos na presença das crianças, e, se tinha um assunto impróprio, pediam para que saíssem. Esse fator evidencia a clara separação entre a realidade dos adultos e o universo das crianças:

No alto dos meus dez anos, não entendia o que significava essa expressão: “mulher da vida”. Os adultos falavam de tal maneira, com tanta entonação na voz que, para eles, as crianças entendiam perfeitamente o que queriam dizer. Na real, passavam um monte de coisas pelas nossas cabeças, menos o seu real significado [...] Mas espera aí, elas estavam vivas!? Quando os adultos iam conversar esses “tipos de coisa”, eles sempre mandavam a gente sair. Não era conversa para as crianças. Levou

PIMENTEL, Danieli dos Santos. Andando sobre cascalhos de palmito: infância, memória e trabalho na obra de Rita Sanches. In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

um tempão para entendermos tudo aquilo. A Curica tinha essa fama naquela época, por ser rua de bares, boates, cabarês, jogatinas e prostituição [...] Era uma rua de péssima reputação. E povoava no imaginário da garotada, suas histórias de assassinatos, bebedeiras, brigas e até assombração. (Sanches, 2022, p. 24).

A partir dessas imagens do passado, a narrativa vai percorrendo diversos espaços do município de Breves, sobretudo, da região portuária da cidade. No decorrer do livro, imprimem-se as marcas dos lugares de antigamente, quando a autora recupera imagens da fisionomia da cidade, por exemplo, a Sede Guanabara, nas proximidades da Rua Castilhos França. Assim, o livro vai recompondo o antigo mapa do lugar e sua cartografia: “Na rua Lourenço Borges, descíamos em direção à Curica, nesta, atravessamos feito flecha, no voador, rumo ao varador do Icó [...] dirigindo vários olhares para trás, para certificarmos de que não estávamos sendo seguidas” (Sanches, 2022, p. 25).

Depois dos perigos, a narrativa descreve como era essa parte da cidade, as estivas e as pontes por onde as meninas passavam até chegarem às serrarias, algo que evidencia a precariedade dos espaços onde as crianças transitavam: “era só mato, estivas e pontes, tinha uns trechos que a madeira tinha caído, e tínhamos que nos equilibrar nos frechais e tarugos que ainda resistiam às intempéries do tempo” (Sanches, 2022, p. 26).

Outro espaço percorrido pelas irmãs era a travessia da ponte do igarapé do Santa Cruz, com os perigos dos búfalos que pastavam nas proximidades. O medo tomava conta e o jeito era passar “de mansinho”, em silêncio para não atrair a atenção dos animais. As brincadeiras faziam parte desse contexto, algumas crianças aproveitavam para tomar banho no igarapé, algumas pulavam da ponte para o rio, enquanto algumas canoas passavam com passageiros. Nesses espaços de ludicidade, há uma relação íntima entre infância e natureza, como bem afirma Carvalho (2014, p. 34):

É brincando num ambiente cercado de rios, e de muito verde, que a criança aprende a se relacionar com a natureza; é neste ambiente, que ela dá vazão à sua criatividade criando seus brinquedos, descobrindo nas árvores, nas águas dos rios, nas folhas e nas sementes, nos galhos, nos cipós, nos frutos verdes, nas pedras, objetos que passam a ganhar vida e identidade em suas brincadeiras.

Ultrapassado esse obstáculo, as meninas continuavam o trajeto. Antes de atravessarem a ponte, a irmã maior entregava a marmita para irmã, para se resguardar do perigo e procura um pedaço de madeira, e não era só o perigo do encontro com os búfalos, mas o possível encontro com os meninos que “apareciam para fazer maldades”, não tardaria, lembra a narradora. E não tardou para o encontro com os garotos e novas surpresas:

PIMENTEL, Danieli dos Santos. Andando sobre cascalhos de palmito: infância, memória e trabalho na obra de Rita Sanches. In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

[...] do nada, surgiu dois garotos que vinham em nossa direção, jogando pequenos pedaços de madeira. Levantei a vara e dava golpes no ar, como forma de advertência para que não se aproximassem de nós. Falei para a minha irmã correr, e quando estávamos quase perto da ponte, ela tropeçou e caiu com a marmita [...] Nesse instante, eu só pensei no papai ficar sem comida e no ralhó que ele daria. Mas Alice foi tão rápida que a tampa da marmita não tinha ficado totalmente aberta, e ela mais que depressa ajeitou a tampa, apenas derramou um pouquinho, um pouquinho só de feijão. Ufa! Pensa numas meninas espertas! (Sanches, 2022, p. 30).

Finalmente, as irmãs chegavam ao local de trabalho do pai, e metade da missão era cumprida. Elas conversavam e brincavam: “até chegar novamente na ponte que corta o igarapé. Dessa vez, não paramos, os garotos ainda estavam lá brincando na água [...] De repente! O chão estava coberto de cascalhos de palmito” (Sanches, 2022, p. 41). Nesse trecho, as meninas costumavam “brincar com os cascalhos” selecionavam os mais bonitos e usavam como espadas, ou seja, “é o imaginário amazônico materializado em formas diversas, e inserido na cultura popular por meio da emoção, da fantasia e da ludicidade” (Carvalho, 2024, p. 35). No caminho de volta para casa, elas usavam atalhos para encurtar a viagem, seguiam pelos quintais a procura das árvores frutíferas, o que rendiam bons momentos de diversão, e, quando finalmente chegavam em casa, logo retomavam as brincadeiras no quintal.

### Considerações finais

O livro *Andando sobre cascalhos de palmito* privilegia as brincadeiras de época, mostrando do que as crianças brincavam e como brincavam, assim como também denuncia como essas crianças, ainda em tenra idade, assumiam determinadas funções no contexto familiar e diante do trabalho, assim, como explica Ariès (1973, p. 55), “que na vida cotidiana as crianças estavam misturadas com os adultos” e imersas ao cotidiano do regime do trabalho, por essas linhas o “sentimento da infância” é alinhavado na escrita de Rita Sanches.

O legado da escritora brevense se aproxima da tese de Gagnebin (2006) “lembrar, escrever, esquecer”, e, nessa intersecção, entre a literatura e as fontes históricas, em que o passado se presentifica nas memórias da autora, uma vez que a ela se fundamenta nas memórias do passado para re-escrever, orientando-se a partir das lembranças da infância, nas memórias familiares e de outras pessoas que viveram nas últimas décadas do século passado, na tentativa de recuperar a história social da infância em sua terra natal.

Além disso, verifica-se que, dentro desses eixos, a escrita de Rita Sanches inaugura uma estética da infância centrada em uma narrativa de si, com forte apelo para a introspecção, isto é, um discurso ficcional e memorialístico sobre a infância, em especial, centrada nas histórias de vida, dito de outra maneira, em uma “escrita do eu”, na tentativa de “contar e ficcionalizar”, “rememorar e reinventar”, na acepção de Doubrovsky (1999).

O livro da autora marajoara se centra em uma narrativa poética sobre a infância e porque não dizer infâncias (no plural), ao mesmo tempo em que esse viés, não se descola de um imaginário devaneante e social, ancorando-se, sobretudo, no terreno da literatura infantil e juvenil, nesses dois eixos, a sua escrita adota recursos da pena autobiográfica, como bem se observa em momentos significativos da matéria literária, o tom confessional se realiza.

Por último, insisto em dizer que, *Andando sobre cascalhos de palmito* é uma celebração das infâncias, escritura de densidade poética, comprometida com as experiências infantis, todavia, ainda que as personagens se desloquem de um lado para outro, o espaço da narrativa interage com o deslocamento das meninas, oferecendo surpresas, descobertas e perigos iminentes, alternando-se entre cenas hostis de convivência, ao mesmo tempo em que se preenche de brincadeiras de infância de outros tempos.

## Referências

ABL. 1ª *I Antologia da Academia Brevense de Letras: Breves histórias*. 1ª Edição. Gurupi (TO): Veloso, 2023.

BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e cultura*. 8.ed. São Paulo. Cortez, 2010.

DOUBROVSKY, Serge. *O último eu*. In. NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Org.). *Ensaio sobre autoficção*. Tradução de Jovita Maria Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 111-125

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2009.

GUEDES, Leonildo. Prefácio. In: *Andando sobre cascalhos de palmito*. Gurupi (TO): Editora Veloso, 2022.

PIMENTEL, Danieli dos Santos. *Andando sobre cascalhos de palmito: infância, memória e trabalho na obra de Rita Sanches*. In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

MALUF, Angela Cristina Munhoz. *Atividades Lúdicas para Educação Infantil: conceitos, orientações e práticas*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

PINEAU, Gaston & LE GRAND, Jean-Louis. *As histórias de vida*. Trad. Carlos Eduardo Galvão e Maria da Conceição Passeggi. Natal: EDUFRN, 2012.

SANCHES, Rita. *Andando sobre cascalhos de palmito*. Gurupi (TO): Editora Veloso, 2022.

SANCHES, Rita [et al.]. *Narrativas dessas bandas de cá*. Palmas: Editora Tocantins, 2023.

SOUZA, Roberto Acízelo de. *Teoria da literatura*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2007.

WAJSKOP, Gisela. *Brincar na educação infantil: uma história que se repete*. 9.ed. São Paulo: Cortez, 2012.